

A RELAÇÃO SER HUMANO E NATUREZA A PARTIR DA VISÃO DE ALGUNS PENSADORES HISTÓRICOS¹

Vinicius Perez Dictoro²

Rodolfo Antônio de Figueiredo³

Murilo Otávio Cassimiro⁴

Juliano Costa Gonçalves⁵

Resumo: A importância do estudo da filosofia e da Educação Ambiental, assim como a relação entre ser humano e natureza nos remete a conhecer um pouco sobre a história da vida sobre a Terra. O presente estudo visa possibilitar entender melhor, discutir e refletir sobre algumas concepções da relação ser humano e natureza, conforme o desenvolvimento da época filosófica e da ciência, por meio de alguns textos sobre as obras de alguns filósofos da cultura ocidental. O artigo foi elaborado a partir de revisões bibliográficas e estudos teóricos sobre os seguintes filósofos: pré-socráticos; Bacon; Descartes; Kant; Espinosa. Busca-se valorizar novas ideias, modelos e direções que consideram os distintos pensadores, suas reflexões e o contexto histórico de cada um.

Palavras-chave: Ser Humano e Natureza; Compreensão Ambiental; Educação Ambiental.

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²Universidade Federal de São Carlos. E-mail: vinicius.dictoro@gmail.com. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9469471717661914>.

³Universidade Federal de São Carlos. E-mail: rodolfo@ufscar.br. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0854609216769461>.

⁴Universidade Federal de São Carlos. E-mail: murilo_295@hotmail.com. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3427583614605440>.

⁵Universidade Federal de São Carlos. E-mail: juliano@ufscar.br. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1803562162325019>.

Introdução

Este artigo foi escrito a partir da leitura, reflexão e discussão dos textos de autoras e autores presentes no livro *Pensar o ambiente: bases filosóficas para Educação Ambiental* (CARVALHO *et al.*, 2006), além de outras referências bibliográficas e artigos científicos sobre a temática. Nessa proposta, os autores que escrevem este ensaio, procuram mostrar algumas visões sobre as relações dos seres humanos com a natureza por meio dos seguintes pensadores: pré-socráticos, Bacon, Descartes, Kant e Espinosa.

Vale destaque inicial, que nas obras citadas acima os autores utilizam e fazem referência à relação “Homem e natureza”. Essa referência trata-se de uma expressão da ciência de séculos anteriores, marcadamente eurocêntrica e masculina. Contudo, as críticas filosóficas, teorias feministas e os estudos sobre gênero já descortinaram os componentes dessa expressão. Assim o presente artigo irá substituir esses termos por palavras mais adequadas com a realidade atual global, utilizando a expressão “ser humano e natureza”.

Deve-se em um primeiro momento situar sobre o que se trata a filosofia. Segundo Chauí (2002), uma nova forma de pensar, na Grécia antiga, surgiu a palavra filosofia, vinda de amizade e sabedoria, tratando-se da amizade pela sabedoria ou amor ao saber. Existem duas interpretações que se tornaram frequentes no decorrer da história, remetendo-se a filosofia como o conjunto sistemático e racional de conhecimentos sobre o mundo e os seres humanos ou, também, pode significar a sabedoria entendida como disposição humana para uma vida virtuosa e feliz (CHAUÍ, 2002).

A importância do estudo da filosofia e da Educação Ambiental, assim como a relação humana com a natureza nos remete a conhecer um pouco sobre a história da vida sobre a Terra, que conforme Carson (1969), tem sido uma história de interação entre as coisas vivas e o seu meio ambiente. A atenção dirigida pelos seres humanos para a natureza não data de um período específico, é preferível dizer que esse diálogo, ser humano e natureza, tenha começado com a própria humanidade e nunca será interrompido (LENOBLE, 2002).

Ao longo dos anos e dos espaços sociais existem diversos sentidos e definições para caracterizar a natureza, entretanto na maioria dos casos ela não pode ser compreendida de forma separada do ser humano, pois ao se falar em natureza necessariamente está sendo relacionado o ser humano, ainda que historicamente houve momentos de uma maior ou menor aproximação entre essa relação (DUARTE, 2003).

Segundo Lenoble (2002), toda a ideia de natureza implica em uma complexa aliança de aspectos morais, científicos, religiosos, afetivos e artísticos, que dominam uma época e inspiram a forma de perceber o mundo.

Entretanto, na expressão filosófica científica separa-se ser humano e natureza, ressaltando o aspecto utilitarista da natureza para o proveito humano. Nessa visão, ressaltando o modo de produção capitalista, a natureza e os

seres humanos são considerados objetos para obtenção de lucro, sendo uma das causas que levou a humanidade a viver na atual crise socioambiental (FIGUEIREDO; SILVA, 2018).

No final do século XX, mais precisamente na década de 1980, surge a cosmovisão contemporânea da natureza. Conforme explica Pelizzoli (1999, p. 65) nessa compreensão o universo passa a ser visto como uma rede de relações vivas, que incluem o ser humano como próprio observador, assim como ator e não apenas como mero espectador passivo e neutro.

Dessa forma, o presente estudo visa a possibilidade de entender melhor, discutir e refletir sobre algumas concepções da relação ser humano e natureza, conforme o desenvolvimento da época filosófica e da ciência, por meio de alguns textos sobre as obras de importantes pensadores e filósofos da cultura ocidental.

Ser humano e natureza sob a visão dos pensadores pré-socráticos

Os filósofos pré-socráticos, primeiros que se tem notícia na Grécia antiga, eram conhecidos por filósofos da natureza, por se importarem com o estudo da natureza e de seus processos. Mesmo que tinham várias divergências sobre os elementos e princípios que regem o universo, esses filósofos compartilhavam a visão de que o todo integra a natureza, ou seja, o ser humano, a sociedade, o mundo exterior e até os deuses são integrados à natureza (SOFFIATI, 2000). Destaca-se que são caracterizados pré-socráticos não porque todos teriam nascido e vivido antes de Sócrates, mas pelos temas que abordam em suas reflexões (CHAUÍ, 2002).

De início, parte-se para a compreensão do mundo por alguns pensadores pré-socráticos que combatiam a visão objetiva, tanto sobre a natureza, como para o ser humano. Segundo a autora Unger (2006), a visão de mundo na qual tanto a natureza como os seres humanos foram reduzidos à condição de objetos, na qual os valores são baseados apenas no capital e no lucro, foi repensada pelo pensamento pré-socrático, visando novos valores do lugar do ser humano no universo, proporcionando uma chance de reflexão.

Nota-se a filosofia como uma cosmologia, voltada para a explicação da natureza por meio do princípio primordial gerador de todas as coisas, assim como o processo de formação e de ordem do mundo (CHAUÍ, 2002).

O esforço para dialogar com esse modo de pensamento é uma provocação e um convite para se deparar com os hábitos e compreensões, podendo a partir disso, abrir novos caminhos para pensamentos mais livres e mais abertos na relação do ser humano com o Universo e seu lugar neste sistema (UNGER, 2006). Dessa visão, entende-se que a relação ser humano e natureza deve ser valorizada e principalmente respeitada, não pensada apenas como objetos de uso e apropriação.

Ser humano e natureza sob a visão de Francis Bacon e René Descartes

Parte-se para outra época, dos pensadores do século XVI, na qual se começa a praticar o conhecimento de forma autônoma, dispensando a interferência de forças transcendentais (mitos, religião, crenças) (SEVERINO, 2006). Nesse contexto, que se estuda o pensamento filosófico de Francis Bacon e René Descartes, com uma visão racionalista e mecânica do mundo e da compreensão da natureza.

Surge a ideia de ciência, sendo um novo sistema do saber, baseada e referenciada por Bacon, uma nova e revolucionária instância da cultura ocidental, que vai mudar completa e definitivamente a visão da relação do ser humano com o mundo. Um novo sistema de saber, distinto tanto do sistema teológico como do sistema metafísico, que se propõe como capaz de esclarecer a totalidade dos fenômenos do universo apenas com os recursos da razão natural (SEVERINO, 2006). Dessa forma, Francis Bacon via a ciência como uma forma de devolver ao ser humano o domínio sobre a criação e assim sobre a natureza (THOMAS, 1996).

Essa ciência, surgida e baseada em Francis Bacon e René Descartes passou a enxergar a natureza como um mecanismo a ser controlado, uma máquina a ser investigada, dominada e utilizada. Houve então a separação da cultura humana com a natureza (HERCULANO, 1992). Por essa visão mecanicista, a natureza perde a finalidade que os antigos filósofos julgavam encontrar nela, tornando-se simplesmente uma máquina (LENOBLE, 2002).

Bacon e Descartes ousam tornar-se “donos e senhores da natureza”, sendo que proclamam que obtêm de Deus este domínio e essa posse. Tendo recebido de Deus a missão de utilizar a natureza, o ser humano começa a comportar-se como um engenheiro que já não necessita direcionar qualquer valor à natureza (LENOBLE, 2002). Nesse contexto reflete-se na relação do ser humano com a natureza, convertendo-a em uma relação de domínio e de proveito para a vida humana. Segundo Acosta (2016, p. 55), a dominação foi possível quando esses pensadores passaram a não considerar os seres humanos como parte da natureza, “desconhecendo que os seres humanos também somos Natureza”. Pode-se considerar Bacon como o precursor do desencantamento do mundo, surgindo uma visão racionalista e de apropriação sobre a natureza.

Essa concepção pode ter ajudado a desencadear um longo processo histórico de domínio e manejo do mundo, alterando as próprias condições de convivência do ser humano com a natureza e com a sobrevivência do planeta (SEVERINO, 2006). Segundo Francis Bacon “o homem pode ser visto como o centro do mundo”, ressaltando ainda que se o ser humano fosse retirado do mundo, todo o resto pareceria sem propósito (THOMAS, 1996).

Reforçando e intensificando essas concepções, René Descartes, filósofo francês do século XVII, é considerado a base de todo o pensamento moderno. Soffiati (2000) destaca que René Descartes é considerado como o maior

exponente da separação entre ser humano e o mundo, pois deposita na razão humana a possibilidade de dar significado e interpretação ao mundo, sendo a compreensão do mundo baseada no pensar e questionar humano, desprovido dos mitos e de significações pré-concebidas.

Suas ideias influenciaram muito a atual relação com a natureza, a objetividade cartesiana fez com que “perdêssemos” a possibilidade de pensar historicamente e colocou o ser humano na posição de dono e senhor da natureza (GRÜN, 2006).

A filosofia de Descartes influenciou a informação do sujeito liberal, pois aqui ele é visto como liberto de quaisquer raízes. Existia independentemente de tudo que estava fora dele, incluindo os ecossistemas e o ambiente natural (GRÜN, 2006). Dessa forma, a harmonia entre o mundo e o ser humano é rompida, o ser humano torna-se sujeito, e o mundo seu objeto, onde a natureza é utilizada da maneira que o ser humano quer, exemplificada pela frase “senhores e possuidores da natureza”. Segundo Thomas (1996) o propósito explícito de Descartes adequava-se à sua intenção que as todas as outras espécies eram inertes e desprovidas de qualquer dimensão espiritual, devido a isso, instaura-se um corte entre ser humano e natureza, limpando o terreno para o exercício da dominação humana.

Vê-se aqui um antropocentrismo extremista, tornando o ser humano como senhor e possuidor da natureza. Pela visão dos autores que escrevem esse estudo, essa compreensão, baseada na objetividade cartesiana, reflete aspectos da ação da humanidade que temos presenciado durante esses séculos e que ainda é vista atualmente. A noção da natureza como fonte inesgotável para uso dos seres humanos vem dessa base de pensamento, onde não acontece qualquer tipo de intervenção ética sobre a existência da natureza por si própria.

Essa visão, subsidiada pelo pensamento de Descartes, trata-se de uma formulação cartesiana na qual a ciência é vista no sentido de domínio da natureza, ou seja, as razões de Descartes ligam-se à dominação, pois o fim é o da utilização da natureza em proveito da humanidade, configurando-se em um pensamento antropocêntrico (MARICONDA, 2006).

Ser humano e natureza sob a visão de Immanuel Kant e Espinosa

Passando pelas ideias e alguns pensamentos do filósofo Immanuel Kant, nota-se ainda de forma tímida, uma amenização da relação do ser humano com a natureza, do modo como é vista por Descartes.

Mesmo que a objetificação da natureza é presente nesses pensamentos de Kant, parece haver uma retomada à natureza, o ser humano sente-se em casa na Terra, e pelo desenvolvimento do sentido de gosto, aprende a amar a natureza e a vida, e assim cuidando dela (ROHDEN, 2006).

Observa-se na reflexão feita por Rohden (2006, p. 115) sobre essa relação ser humano e natureza a partir do pensamento de Kant:

“O prazer que o ser humano sente pelos outros e pela natureza é sempre um prazer na vida. Por esse prazer, principalmente pelo prazer estético, o ser humano sente-se bem no mundo; e já por isso ele passará a cuidar da natureza”.

Mesmo que pautada no prazer e em uma razão atribuída por um fim próprio para o ser humano, a relação com a natureza possui um certo valor e um desejo de cuidar, pois o ser humano é visto também como um ser da natureza, diferentemente da visão totalmente separada que Descartes elucida.

Nas reflexões de Kant buscou-se o reencontro do ser humano com a natureza, por meio da passagem de um pensamento fragmentário a um pensamento organizado pela ideia do todo (JORDÃO, 1992).

Essa relação fragmentada entre ser humano e natureza deve ser superada, sendo baseada na crença das sociedades voltarem a entender tanto o ser humano como a natureza como entes sagrados, e ainda incumbindo à ação humana uma importância essencial na transformação do mundo (FIGUEIREDO; SILVA, 2018).

Assim, tem-se nos pensamentos de Espinosa uma outra forma de pensar sobre a relação ser humano e natureza, contribuindo para outras visões e compreensões do mundo. Mesmo sendo um expoente do racionalismo europeu, assim como Bacon, Descartes e Kant, Espinosa deles se afastava por entender que tudo que é contrário à natureza seria contrário à razão (ACOSTA, 2016, p. 124).

No contexto vivido por Espinosa, o controle sobre a natureza era uma aspiração visando melhorar a qualidade de vida, e a ciência vinha com a notável promessa de possibilitar o domínio da natureza e a correspondente superação dos limites produtivos por ela impostos ao ser humano. Entretanto, Espinosa fez importantes críticas a esse modo de pensar e tratar a natureza submetendo-a à vontade dos seres humanos (SAWAIA, 2006).

Nos pensamentos e reflexões de Espinosa, a natureza é vista e explicada por vontade própria e não feita para o uso do ser humano. Volta-se a ideia de pensar e integrar o ser humano ao cosmo, possuindo um leve caráter de combate ao antropocentrismo.

Surge nas reflexões de Espinosa a ética da totalidade, na qual ocorre uma exaltação da natureza. Conforme Sawaia (2006) a ética da totalidade considera-se que, ao maltratar o mundo, você está maltratando a si mesmo, propondo, em lugar da conquista da natureza pelo ser humano, a libertação de ambos. Os valores éticos devem ser pensados globalmente, baseando-se em

toda a natureza. Desses excertos (obras de Espinosa) que começam a surgir a fundamentação da ética ambiental.

Ainda segundo o autor, Espinosa defende a elaboração de um paradigma ecológico, por meio da conexão de todas as coisas, pessoas, objetos, animais e o planeta em uma rede, conservando e respeitando suas relações e inter-relações (SAWAIA, 2006).

Uma breve discussão sobre os tópicos

Perpassando por apenas alguns trechos que esses pensadores e filósofos discorreram sobre a relação ser humano e natureza, nota-se diferentes formas de compreender e enxergar o papel dos seres humanos no mundo. Dessa forma, os autores desse artigo irão expor suas opiniões sobre alguns aspectos dessa relação que foi sendo levantada e discutida brevemente nos parágrafos acima.

Hoje, vive-se em um período que pode ser chamado de Antropoceno, onde a intervenção humana tem causado intensas transformações na natureza. Conforme Carson (1969), a rapidez da mudança e a velocidade com que novas situações se criam acompanham o ritmo impetuoso e insensato do ser humano, ao invés de acompanhar o passo deliberado da natureza. As mudanças nas formas de pensar e agir do ser humano na natureza foram sendo transformadas durante os anos. A crença do total controle sobre a natureza pode ter sido baseada em Francis Bacon, intensificada por René Descartes, discutida por Immanuel Kant, e de certa forma combatida por Espinosa.

A crítica não está nas formas de pensar e compreender o mundo desses pensadores (Bacon e Descartes principalmente), que viviam em contexto completamente diferente da época de hoje, e isso pode ter se refletido em suas maneiras de pensar e enxergar o mundo. Porém, muito da atual relação dos seres humanos com a natureza vem da base do pensamento cartesiano, exaltado por Descartes. As transformações e a realidade que se vivencia na natureza vem do fato de se pensá-la separada do ser humano, e em benefício próprio, resultando em desastres e impactos socioambientais que ampliam as vulnerabilidades e desigualdades em diversas questões ambientais e socioculturais.

Baseados em uma visão antropocêntrica, considera-se a natureza como um objeto e enxerga-se o ser humano como superior e não integrado a ela. Deve-se então resgatar valores, compreensões e pensamentos mais ligados a pensadores como Espinosa, de forma a reconhecer a existência da natureza por si só, e fazer parte da mesma, integrar, se relacionar, conviver e aprender.

A natureza não deve ser definida como um sistema fechado e também não deve ser separada do destino dos seres humanos, pois ela é uma imensa

semiologia, ou seja, uma área do conhecimento dedicada a compreender os distintos ritos e costumes desenvolvidos pela sociedade (LENOBLE, 2002).

Os processos históricos de afastamento dos seres humanos perante a natureza resultaram no atual paradigma antropocêntrico utilitarista. Uma das maneiras de combater essa perspectiva é enfatizada por meio da Educação Ambiental e sua função moral de socialização humana ampliada à natureza, de forma a enxergar o ser humano como uma continuidade da natureza. Busca-se a reaproximação do humano perante a natureza, por meio da correção do rumo civilizatório, baseado na ampliação da esfera ética e ambiental e da promoção de uma mudança cultural (LAYRARGUES, 2006).

A Educação Ambiental abre espaço para repensar práticas sociais e transmitir conhecimentos essenciais para a compreensão do meio ambiente, da interdependência dos problemas ambientais e responsabilidades de cada indivíduo na luta por um ambiente cada vez melhor (JACOBI, 2003). A percepção sobre essas novas formas de interações pode partir de uma visão integradora entre seres humanos e natureza, os anseios das sociedades, e ainda na compreensão coletiva e individual dos sujeitos sobre o meio em que estão inseridos, integrando a natureza (DE PAULA, 2014).

Outro ponto, é que essa relação entre seres humanos e natureza, também podem ocasionar conflitos, tensões e problemas socioambientais. Em geral, este tipo de relação conflituosa está pautado no distanciamento das relações humanas com a natureza e o ambiente (SAUVÉ, 2005) e diretamente relacionada com a forma de apropriação dos recursos ambientais, como visto em alguns filósofos estudados. Neste sentido, *"apropriação da natureza implica numa manipulação da mesma, subordinada aos fins propostos por seu dominador, que, em primeira instância, é o ser humano"* (ALMEIDA, 1988, p.13). É na natureza que se encontram os elementos necessários para a vida como um todo, sendo, portanto, a fonte de subsistência seguidamente requisitada (FELIPPE, 2010).

Uma nova maneira de ser no mundo pode ser marcada pela leitura que se faz do mesmo, dessa forma a compreensão da relação ser humano e natureza precisa ser expandida. A busca pela construção de novas perspectivas, superando as atuais formas da relação cartesiana ser humano e natureza, devem propiciar uma construção conjunta e reflexiva sobre a interação dos seres humanos com o meio, com as plantas e animais, além de uma autorreflexão sobre si próprio e sua forma de se relacionar no mundo e com o mundo. Esses aspectos são discutidos e propostos em várias vertentes da Educação Ambiental.

Segundo Sauvé (2005, p. 317) *"a Educação Ambiental leva-nos também a explorar os estreitos vínculos existentes entre identidade, cultura e natureza, e a tomar consciência de que, por meio da natureza, reencontramos parte de nossa própria identidade humana"*.

Conclusões

De modo geral, nota-se que essas mudanças no ambiente e na natureza, causadas pelos seres humanos, advém principalmente da visão cartesiana de pensar e controlar o mundo, passando pelas ideias e visões de mundo de Francis Bacon e René Descartes, colocando o ser humano acima da natureza, como o condutor central do planeta, na qual suas necessidades estão acima de tudo.

Segundo Fischer *et al.* (2018), na modernidade o domínio e a exploração da natureza passaram a constituir-se baseado na ideia de Bacon conhecida como *Imperium Hominis*, na qual a natureza e tudo o que nela existe, é concebida como indiferente e o ser humano tem total capacidade de seu uso e controle, passando a acentuar os problemas ambientais.

É esse o tipo de pensamento atual, o racionalismo moderno/científico, no qual o ser humano controla a natureza a seu bel-prazer, sem levar em conta as complicações e consequências disso. Porém, neste mesmo tipo de pensamento, há diversas matrizes distintas, que buscam a harmonia entre desenvolvimento, seres humanos e natureza. Há diferentes pensadores e cientistas que trabalham em prol desse aspecto. Ainda assim, mesmo sabendo dessas diferentes visões, o pensamento cartesiano em nossa sociedade atual (capitalista de hiperprodução e consumo de massa) é o que rege as grandes discussões e tomada de decisões.

Uma nova maneira de pensar o atual modelo de vida, seria buscar uma retomada das ideias dos pré-socráticos, trazer a natureza e os seres ao mesmo patamar, integrando as diversas relações e conexões possíveis. Esse pensamento permite expandir as relações entre todos os seres e a natureza, não apenas quantificá-las como meros objetos que visam a produção e o lucro. Retomar essas ideias é propor profundas reflexões acerca do passado, do presente e o que esperar do futuro, construindo um local mais adequado e respeitoso, indicando, assim, novas direções para se refazer a trajetória da humanidade rumo à resiliência e sustentabilidade planetária.

Desse modo, os autores enxergam como algo positivo essas discussões, recuperando as ideias e reflexões de diferentes pensadores acerca do ambiente e da natureza, trazendo essas reflexões para os dias atuais e buscar contrapontos ao modelo atual de desenvolvimento e pensamento científico. Dessa forma, busca-se valorizar novas ideias, modelos e direções que consideram os distintos pensadores, suas reflexões e o contexto histórico de cada um.

Agradecimentos

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio concedido ao financiamento da pesquisa que deu origem a

esse artigo científico, à Universidade Federal de São Carlos, por tornar possível o doutoramento do primeiro autor.

Referências

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264p.

ALMEIDA, J. P. **A extinção do arco-íris**: ecologia e história. Campinas: Papirus, 1988. 62p.

CARSON, R. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1969. 305p.

CARVALHO, I. C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. **Pensar o ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006.

CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 539p.

DE PAULA, E.M.S.; SILVA, E.V.; GORAYEB, A. Percepção Ambiental e dinâmica geoecológica: premissas para o planejamento e gestão ambiental. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 26, n. 3, p. 511 – 518, 2014.

FELIPPE, M.L. Casa: uma poética da terceira pele. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 299 – 308, 2010.

FIGUEIREDO, R. A. de; SILVA, P. R. da. Aconselhamento filosófico aplicado à Educação Ambiental e agroecologia. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, Sinop, v. 8, n. 2, p. 429 – 440, 2018.

FISCHER, M. L. *et al.* Comunicações sobre a crise hídrica: a internet como ferramenta de sensibilização ética. **Sustentabilidade em Debate**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 158 – 171, 2018.

GRÜN, M. Descartes, Historicidade e Educação Ambiental. In: CARVALHO, I.C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. (Orgs). **Pensar o Ambiente**: bases filosóficas para a Educação Ambiental. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, p. 63 – 78, 2006.

HERCULANO, S.C. Do desenvolvimento (in)suportável à sociedade feliz. In: GOLDENBERG, M. (Org). **Ecologia, ciência e política**. Rio de Janeiro: Revan, p. 9 – 48, 1992.

JACOBI, P.R. Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189 – 205, 2003.

JORDÃO, F.V. Natureza, sentido e liberdade em Kant. **Revista Filosófica de Coimbra**, Coimbra, v. 1, p. 63 – 81, 1992.

Revbea, São Paulo, V. 14, Nº 4: 159-169, 2019.

LAYRARGUES, P.P. Muito além da natureza: Educação Ambiental e reprodução social. *In*: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R. S. de. (Orgs). **Pensamento complexo, dialética e Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, p. 72 – 103, 2006.

LENOBLE, R. **História da ideia de natureza**. Rio de Janeiro: Edições 70 Melhoramentos, 2002. 367p.

MARICONDA, P.R. O controle da natureza e as origens da dicotomia entre fato e valor. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 453 – 472, 2006.

PELIZZOLI, M.L. **A emergência do paradigma ecológico**: reflexões éticofilosóficas para o século XXI. Petrópolis: Vozes, 1999. 61p.

ROHDEN, N. Kant: o ser humano entre natureza e liberdade. *In*: CARVALHO, I.C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. (Orgs). **Pensar o Ambiente**: bases filosóficas para a Educação Ambiental. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, p. 111 – 124, 2006.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005.

SAWAIA, B. B. Espinosa: o precursor da ética da Educação Ambiental com base nas paixões humanas. *In*: CARVALHO, I.C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. (Orgs). **Pensar o Ambiente**: bases filosóficas para a Educação Ambiental. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, p. 79 – 92, 2006.

SEVERINO, A. J. Bacon: a ciência como conhecimento e domínio da natureza. *In*: CARVALHO, I.C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. (Orgs). **Pensar o Ambiente**: bases filosóficas para a Educação Ambiental. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, p. 51 – 62, 2006.

SOFFIATI, A. A natureza no pensamento liberal clássico. **Revista de Direito Ambiental**, São Paulo, v. 5, n. 20, p. 159 – 176, 2000.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação as plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 454p.

UNGER, N. M. Os pré-socráticos: os pensadores originários e o brilho do ser. *In*: CARVALHO, I.C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. (Orgs). **Pensar o Ambiente**: bases filosóficas para a Educação Ambiental. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, p. 25 – 32, 2006.